

## CAPOEIRA: JOGO DE MALÍCIA E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eraldo Brito Santos\*  
Fernando Reis do Espírito Santo<sup>1</sup>  
Antônio Luis Ferreira Bahia<sup>2</sup>

**RESUMO:** *O presente artigo busca sistematizar uma proposta metodológica para o ensino da capoeira nas aulas de Educação Física escolar do ensino fundamental, elegendo o jogo como conteúdo e método. A escolha do jogo nesse contexto encontra na Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, no conceito de Zonas de Desenvolvimento Proximal, de Lev Vygotsky e nas proposições do Prof. Antônio Bahia sobre jogo embrionário, organização e situações evolutivas do jogo, leitura motora, leitura social e ruptura, um alicerce teórico que privilegia a construção do conhecimento, a criatividade e a autonomia, a partir da capoeira, considerando o aluno sujeito do processo pedagógico, respeitado em sua individualidade. Focando a metodologia no ambiente lúdico, coloca a capoeira a serviço da criança e não o inverso, além de considerar o jogo importante instrumento de ensino dos conteúdos escolares.*

**Palavras-chave:** Capoeira; Ensino-aprendizagem; Cultura

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscaremos sistematizar uma proposta metodológica de ensino de capoeira nas aulas de Educação Física (EF), dialogando com as idéias de Paulo Freire sobre a autonomia no processo pedagógico, de Lev Vygotsky, estabelecendo com o conceito de Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP) sua importância na aprendizagem infantil e na construção do conhecimento, admitindo, portanto, que a capoeira como legado e elemento cultural brasileiro já se faz presente na historicidade das crianças, mas que esse conhecimento muitas vezes é negado a elas na escola. Para tanto, o elemento central no processo de aprendizagem abordado neste trabalho é o jogo. Nesse sentido, utilizaremos as sistematizações do Prof. Antônio Bahia sobre a utilização de jogos como conteúdo e método nas aulas de EF escolar.

A prática da capoeira tem-se baseado durante muito tempo na *imposição* e na *transmissão do saber* pelos capoeiristas mais experientes. E é justamente aqui que se dá a importância deste trabalho, pois pouca coisa tem mudado, pelo contrário, há uma verdadeira estereotipação do jogar capoeira e o que se pode observar nas aulas de EF quando se utiliza a capoeira como conteúdo é que o interesse dos professores é a técnica do movimento, deixando de lado a filosofia, a história e as relações existentes entre a capoeira a sociedade. Buscamos transformar a prática pedagógica levando em consideração a individualidade de cada um, respeitando cada ser humano em sua singularidade e, ao mesmo tempo, construindo, no ambiente escolar, especificamente nas aulas de EF, um conhecimento elaborado sobre a capoeira, colocando-a a favor da criança.

---

\* Estudante do Curso de Licenciatura em Educação Física; Membro do Grupo de Pesquisa CORPO – Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação (Departamento de Educação Física / Faculdade de Educação / Universidade Federal da Bahia – UFBA. E-mail: [ebcapeta@yahoo.com.br](mailto:ebcapeta@yahoo.com.br) - Autor.

<sup>1</sup> Orientador, Professor da Universidade Federal da Bahia (Departamento 3) – [fres.nando@uol.com.br](mailto:fres.nando@uol.com.br).

<sup>2</sup> Co-orientador, Professor da Universidade Federal da Bahia (Departamento 2) – [albahia@lognet.com.br](mailto:albahia@lognet.com.br).

### CHAMANDO PARA JOGAR<sup>3</sup>

Muitos questionamentos existem sobre a prática pedagógica da capoeira, principalmente a dos mestres e professores de capoeira e dos professores de EF que a adotam como conteúdo para suas aulas. Os primeiros parecem estar muito mais interessados em ensinar movimentos de capoeira, tornando seus alunos executores de movimento mecanicamente assimilados, e os segundos se esquecem de todo legado histórico de luta e conquista da liberdade no regime escravocrata brasileiro. Obviamente, a história da capoeira passa por diversos momentos de ressignificação da sua função, entretanto, acreditamos que a capoeira como instrumento pedagógico tem diversos elementos a serem trabalhados e que muito mais do que reduzi-la a uma prática desportiva, o professor pode utilizá-la como ferramenta de construção de conhecimento e exercício da autonomia de seus alunos.

A capoeira nasceu num contexto de escravidão, onde as necessidades de autodefesa e de resistência à opressão foram elementos propulsores da criação de uma técnica de defesa e ataque, na qual os negros utilizavam o seu próprio corpo para se confrontar com seus opressores, pois era necessário se adaptar a essa nova realidade reinventando sua própria existência.

A prática da capoeira esteve durante muitos anos prevista no Código Penal (1890 a 1937) e sua descriminalização durante esse período ocorreu através da sua esportivização. Era necessário “desafricanizá-la”, colocá-la dentro dos valores aceitos pela classe branca para ampliar sua aceitação, e isso se deu com o movimento de Manoel dos Reis Machado (1900-1974), o Mestre Bimba, no seu Centro de Cultura Física Regional, mais tarde Capoeira Regional.

As mudanças inseridas por Mestre Bimba não foram aceitas por toda comunidade capoeirística, que, a partir daí, dividiu-se em duas vertentes: Capoeira Angola e Capoeira Regional. Conforme apresenta FALCÃO (1996, p.20) :

Mestre Bimba pode ser considerado um divisor de águas na história da capoeira. Para muitos mestres angoleiros, Bimba foi o grande deturpador da capoeira. No entanto, para os seus seguidores, um dos herdeiros diretos de Zumbi.

Os angoleiros, guardiões das tradições, alegam que Mestre Bimba descaracterizou a capoeira, deixando-a “embranquecida”. Na Capoeira Angola um dos seus representantes mais ilustres foi Vicente Ferreira Pastinha (1889/1981), Mestre Pastinha; em seu livro intitulado Capoeira Angola (1964) afirma: “... a capoeira angola se assemelha a uma dança graciosa em que a ginga maliciosa mostra a extraordinária flexibilidade dos capoeiristas. Mas, capoeira angola é, antes de tudo, luta e luta violenta”.

Em 01 de janeiro de 1973, a ação institucional da Confederação Brasileira de Pugilismo efetivou a desportivização da capoeira, tornando-a uma modalidade desportiva. Em 23 de outubro de 1992 é fundada a Confederação Brasileira de Capoeira que, a partir daí, incrementa a prática da capoeira pelo viés desportivo.

Toda essa institucionalização e normatização da capoeira pode acabar por negar alguns de seus elementos essenciais, como demonstra Castellani Filho apud FALCÃO (1996, p.22):

A capoeira não é – como nos desejam fazer crer – uma técnica de luta apenas,

---

<sup>3</sup> Como o presente trabalho trata das relações existentes na prática pedagógica de Educação Física na escola assumindo como método e conteúdo o jogo e o jogo de capoeira, estarei “jogando” com os sub-títulos, estabelecendo sempre uma relação lúdica entre esses elementos pedagógicos e o universo simbólico da capoeira.

nem tão somente outra manifestação desportiva. Ela, enquanto técnica, enquanto forma de luta, vista de forma restrita a esses dois elementos, acaba por matar tudo o que a fez nascer, crescer e sobreviver ao longo de toda uma época (...) Ao separarmos a capoeira de sua história, nós a destruímos enquanto elemento de cultura brasileira e a transformamos em mais um elemento de alienação através da prática esportiva.

É contra essa alienação e separação da capoeira de sua história que o professor de EF deve voltar sua atenção e sua prática pedagógica, ao utilizá-la como conteúdo de suas aulas. Em busca do exercício da autonomia e da construção de conhecimento através do movimento, que tem na capoeira uma grande contribuição, é importante resgatar a sua história e contextualizá-la mais; é imperioso também entendê-la como diálogo corporal, ilustrada na proposta da cultura do movimento formulada por Elenor Kunz apud BRACHT (1999, p.80):

A proposta de Kunz parte de uma concepção de movimento que denomina de dialógica. O movimento humano é entendido aí como uma forma de comunicação com o mundo. Outro princípio importante em sua pedagogia é a noção de sujeito tomado numa perspectiva iluminista capaz de crítica e atuação autônomas, perspectiva esta influenciada pela Escola de Frankfurt. A proposta aponta para a tematização dos elementos da cultura do movimento, de forma a desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e agir criticamente nessa esfera.

Portanto, na medida em que os professores de EF atuem dentro destas perspectivas com o movimento humano e, em particular, no trato com a capoeira, ou seja, historicizando e contextualizado esse movimento, buscando uma crítica dialógica baseada no entendimento do diálogo corporal, estaremos dando um enorme passo na busca da emancipação crítico-ideológica e na afirmação de nossa própria identidade.

## PREPARANDO PARA O JOGO<sup>4</sup>

É possível afirmar que o jogo está inserido em todas as culturas e presente em todos os períodos históricos da humanidade. “O interesse pelo jogo aparece nos escritos de Heráclito e Quintiliano, que se referem às pequenas guloseimas em forma de letras, produzidas pelas doceiras de Roma, destinadas ao aprendizado das letras” (KISHIMOTO, 2002, p. 61). Na Idade Média, considerava-se o jogo como algo desinteressado, principalmente por não estar relacionado ao trabalho. KISHIMOTO (2002, p.62) afirma que “Na Idade Média, é considerado ‘não sério’, por sua associação ao jogo de azar, bastante praticado na época”. Com J. J. Rousseau, já no Renascimento, o jogo ganha um caráter pedagógico, sendo empregado como “instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares. Para se contrapor aos processos verbalistas de ensino, à palmatória vigente...” KISHIMOTO (2002, p.62).

A nossa intenção é de utilizar o jogo para favorecer o ensino de conteúdos escolares, mais especificamente o ensino da capoeira nas aulas de EF. Entretanto, o professor deve utilizá-lo com responsabilidade para que o ambiente lúdico não se transforme em um ambiente de trabalho, ou

---

<sup>4</sup> Muitos capoeiristas antes de iniciar o jogo, fazem diversas reverências, como por exemplo, o sinal da cruz, ou outro tipo de saudação para seu orixá. O poder desse ritual está justamente no fato de o capoeirista acreditar que essa conduta pode ajudá-lo quando estiver jogando. Muitos dizem ficar “de corpo fechado” e nessa condição nenhum mal poderá atingi-lo. Essa prática, junto com muitas outras constituem um legado filosófico que faz parte do mundo particular do capoeirista e que extrapola para o universo da capoeira. Nesse sentido, relacionamos essa base filosófica ao nosso referencial teórico, ou seja, o alicerce que dá sustentação à nossa construção metodológica.

seja, de imposição. ADELMAN (1987, p.27) alerta para o perigo de o jogo transformar-se em trabalho:

Citando na tese de doutorado inédita de 1977 leva a argumentação dizendo que quando os professores usam a atividades lúdicas fazem-no para tornar o trabalho escolar mais relevante e interessante, as crianças redefinem tais atividades como trabalho. Os professores estão transformando o jogo em trabalho em vez de transformar o trabalho em jogo.

Para que o jogo, mesmo sendo utilizado como instrumento pedagógico, não perca sua essência, Bahia (2003) afirma que:

Entendemos que cabe ao professor observar as crianças brincando sem querer tornar-se dirigente deste jogo, deve o mesmo ser também um brincante e fazer parte da reconstrução, garantindo a reflexão do cotidiano, abrindo novas cenas para uma escola que seja capaz de respeitar o jogo de rua, recriar a cada jogada na construção de um mundo de esperanças e expectativas projetadas pelo, correr, brincar, pular e pelo faz de conta, sem predeterminar as ações, estimulando a consciência das crianças para torná-las indivíduos cidadãos, educando-os para uma sociedade mais justa.

O papel do professor que joga, nesta perspectiva, é entrar no jogo e permitir que a criança possa sentir, perceber, analisar e decidir, fazendo de cada jogada um novo desafio, e de cada desafio uma nova jogada sem perder o sentido do jogo, pois jogo não pode ser trabalho, senão perde sua essência.

É necessário, portanto, que o professor torne-se um ser-brincante, participando ativamente do jogo sem perder de vista os objetivos traçados, pois o educador precisa garantir que se efetive, no espaço escolar, um ambiente de aprendizado; como mais experiente, ele deve mediar esse processo. Quando joga, a criança se entrega totalmente ao jogo, as emoções fluem e é possível estabelecer uma aprendizagem significativa. São manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos nossos modelos educacionais. BRUHNS (1999, p.30) releva que “Se nosso mundo não é aberto à liberdade e à alegria, pois tudo deve ser controlado (até a ‘subversão’ do riso), o jogo seria uma possibilidade para se atingir esses aspectos, alcançando-os através de um rompimento, da transcendência das regras da realidade”. A emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social. Além disso, elas dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. O jogo, portanto, tem caráter pedagógico, tanto pela qualidade gestual e variedades de movimentos que pode proporcionar, quanto por sua representação no mundo infantil. A escola, infelizmente, insiste em imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento, tão necessário ao desenvolvimento completo da pessoa.

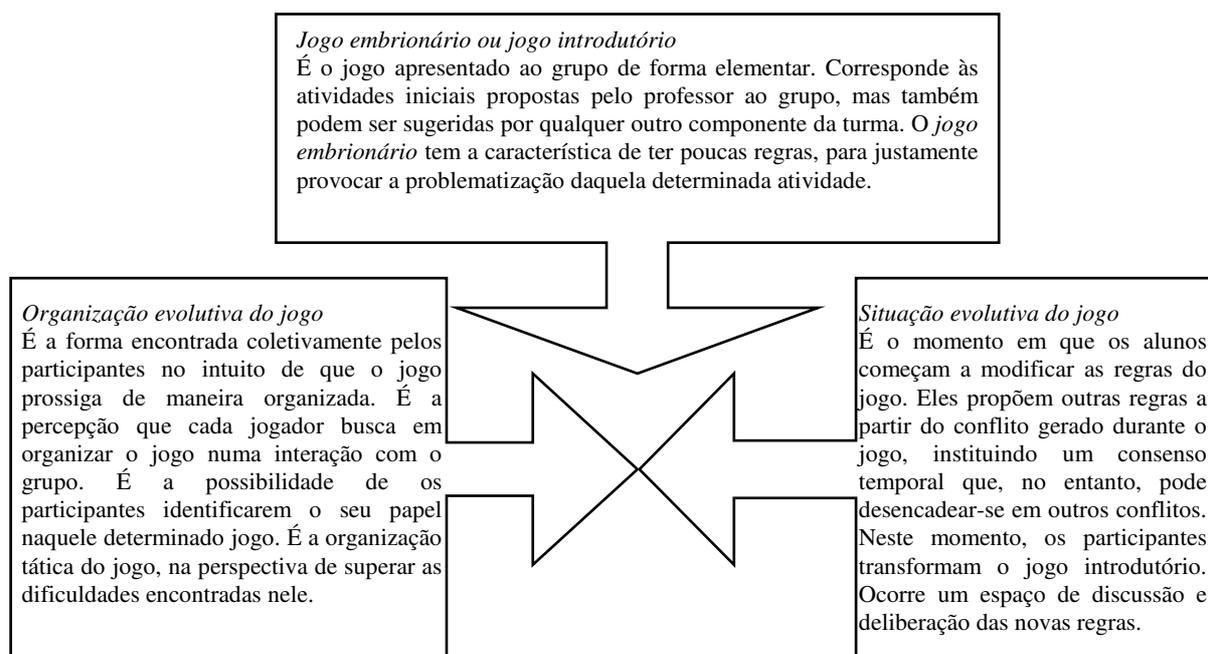
## JOGANDO BONITO<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Para muitos mestres de capoeira um jogo bonito é aquele no qual os movimentos dos jogares fluem com grande facilidade e os movimentos de um não impedem os do outro e em nenhum momento os corpos se chocam ou entram em contato físico, aprecia-se a leveza, a beleza e a plasticidade dos capoeiristas. Um tipo de jogo em que aparece essa forma de jogar capoeira é o Jogo de Iúna, onde, ao som do toque de berimbau que leva o mesmo nome do jogo, apenas capoeiristas formados podem entrar na roda.

Antes de lançar mão das atividades realizadas<sup>6</sup>, o primeiro passo tomado foi o de realizar uma investigação e levantar os materiais necessários para dar embasamento de forma a não colocar em risco ou desvirtuar os conteúdos da capoeira a se trabalhar. Nesse caso, tendo acesso a material teórico que aborda de forma integrada temas importantes como expressividade, emoção, gestualidade, movimento, representação mental, pensamento discursivo, o professor estará, provavelmente, melhor preparado para atender à criança em suas diversas necessidades, assim como impulsionar o seu desenvolvimento e favorecer sua aprendizagem. Isso valoriza o papel do professor e este não deve se colocar como exclusivo detentor do saber, o único responsável pela sua construção, mas tampouco abdicar deste papel, submetendo-se indiscriminadamente à espontaneidade infantil. O professor deve, segundo FREIRE (2004, p. 47) “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. A prática deve ser exercida por meio de enunciados (motor e verbal) e não na forma de comandos, tendo em vista o desafio constante que o professor deve lançar para o aluno, a partir das relações entre corpo, espaço, tempo, objeto e movimento.

As atividades foram expostas na forma de *Jogo Embrionário*, que conforme BAHIA (1997) *apud* CASTRO JR. e SOBRINHO (2002) organiza-se de acordo com o diagrama:



Seguindo a linha de raciocínio de BAHIA (1997) *apud* CASTRO JR. e SOBRINHO (2002) encontramos o conceito de situação evolutiva do jogo:

A situação evolutiva do jogo é uma alternativa para construir uma metodologia voltada para a participação direta dos alunos na modificação da regra do jogo, no momento em que a situação apresenta dificuldade para continuar a fluência da atividade lúdica. Este momento deve ser utilizado pelo professor para que o encaminhamento da atividade seja resultado da discussão entre as pessoas envolvidas que terão a

<sup>6</sup> Esta proposta metodológica foi adotada como prática pedagógica para o ensino da capoeira nas aulas de Educação Física numa escola da rede particular da cidade do Salvador/BA, com crianças do Ensino Fundamental, no período de Agosto/05 a Dezembro/05, portanto, passaremos a descrever as atividades que foram realizadas, fazendo ligações de todas as atividades com o referencial teórico.

oportunidade de voz e voto, exercendo, assim, a sua cidadania no jogo da escola, recriando o jogo da vida. Neste processo estaremos produzindo um jogo que será sempre um resultado das decisões do grupo, mediado pelo professor, que nesse espaço equilibra as forças e garante a participação de todos, envolvendo a turma no jogo das relações, estabelecendo uma relação direta do jogo com o cotidiano do aluno. Assim, aprende-se a jogar e a aprendizagem de habilidades esportiva não ficará em segundo plano, mas serão adquiridas naturalmente no decorrer das atividades em aulas que se transformarão em um espaço de construção coletiva de idéias e ações. Essas aulas, além do movimento físico de correr e suar, promoverão modificações a cada dia, e evoluindo sempre, jogando o jogo do conhecimento, socializando as emoções vividas e analisadas na escola.

O conceito de ZDP considera a interação entre o grupo e a história particular de cada um nesse coletivo e, ao mesmo tempo, é possível se ter uma idéia de educação enquanto processo. Para situar a relação de aprendizagem e desenvolvimento, propõe a categorização de dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. Considera como desenvolvimento real, o nível das funções mentais da criança que se estabelece como resultado de ciclos de desenvolvimento já completados. Tudo que a criança consegue fazer por si mesma. O nível de desenvolvimento potencial corresponde assim a toda uma área que está em fase de amadurecimento, corresponde a uma série de processos que estão para ser atualizados na história do desenvolvimento da criança. Para Duckur (2004, p.81) a ZDP “indica aquilo que a criança não consegue realizar sozinha mas necessita de ajuda/apoio de alguém mais experiente, sendo que é aí que a ação educativa deve dar-se”.

O entendimento de que a criança já carrega em si uma história, mesmo antes de ir para os espaços formais de educação, é importante para que o professor reconheça que elas já possuem um repertório corporal próprio em seu sistema de significação, que deve ser respeitado e levado em consideração a todo o momento no processo pedagógico, para que não caiamos na armadilha de desconsiderar a criança como ser histórico, fato que acontece freqüentemente nas aulas de EF.

Várias atividades lúdicas foram realizadas para que as crianças pudessem reconhecer a dinâmica corporal no jogo de capoeira. Em algumas delas as crianças explicitavam abertamente a idéia de que estavam aprendendo capoeira brincando, assim como estavam brincando e jogando capoeira. As estratégias encontradas pelas crianças para a resolução dos problemas e situações geradoras nos jogos propostos eram diversas, pois elas externavam concretamente que no momento da roda de capoeira todos aqueles movimentos, além de outros, e as estratégias de fuga, ataque e defesa presentes nos jogos estavam sendo realizados espontaneamente num ambiente emotivamente prazeroso, sem a necessidade de haver nenhum tipo de comando externo.

A partir do reconhecimento da dinâmica corporal no jogo de capoeira, podemos considerar que já está sendo realizado o aprendizado dos movimentos, pois se as situações geradas nos jogos sugeriam estratégias que poderiam ser usadas no jogo de capoeira, então as respostas encontradas nesses jogos já faziam parte do jogo de capoeira próprio de cada um.

Como muitos dos movimentos da capoeira têm seu nome baseado na esfera social em que viviam os negros que foram escravizados, nos elementos da natureza, nos movimentos naturais dos animais e nas ferramentas de trabalho desses escravos, foi possível recriar um ambiente atrativo para o aprendizado desses movimentos e sua respectiva nomenclatura por meio de jogos que tivessem base no apelo visual. Por exemplo, quando se mostrava às crianças a figura de um sapo e elas iam criando os movimentos desse animal, aproximava-se dos movimentos da capoeira que são assemelhados com os movimentos de um sapo; se mostrássemos a elas a figura de um compasso, rapidamente elas tentavam reproduzir o movimento do compasso e nos

aproximaríamos, com a criação de múltiplas ZPD, da meia lua de compasso.

Com isso foram surgindo diversas situações onde as crianças buscavam realizar e conhecer os movimentos da capoeira, sem necessariamente estarem executando esses movimentos pela demonstração-imitação, mas descobrindo suas próprias possibilidades corporais e, com isso, construindo e socializando conhecimento a partir dos jogos e de seus movimentos interagindo corpo e música. Esse elemento musical e rítmico da capoeira, trabalhado em nossa proposta, coaduna com a assertiva de BAHIA (2003),

Cabe aos educadores, neste momento, repensar o papel das músicas e dos jogos na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental e, principalmente, o papel da criança que sofre a ação das músicas e dos jogos no cotidiano escolar (...) Cantando, criando e recriando jogos antigos mantêm-se a alegria na escola e esta passará a ser sinônimo de conquistas do conhecimento, de acesso à produção cultural de um povo, para que não se cultive alegres obedientes sem autonomia e sim, formadores de uma nova história, um novo tempo, com evolução cultural de seres pensantes e críticos.

Passamos para a internalização dos movimentos da capoeira. Para tanto, utilizamos como base o princípio das seqüências. Num dos jogos, as crianças separadas em duplas iam criando movimentos seqüenciados de capoeira, dando liberdade de criação como uma coreografia, depois cada dupla demonstrava sua criação para as outras. O passo seguinte era fazer com que as duplas se desfizessem e eram formadas novas duplas onde cada um agora mostrava ao outro como criou a sua seqüência de movimentos. Foram criadas várias ZPD e uma infinidade de seqüências com uma gama diversificada de movimentos, demonstrando a variedade do repertório corporal das crianças. Sempre ao final de cada atividade era realizada reflexão sobre a prática. Esta era dividida em três momentos: a) a leitura motora, b) leitura social e c) ruptura.

A leitura motora caracteriza-se pela observância das características motrizes e qualidades físicas que mais se faziam presentes em cada jogo. As situações vividas evidenciavam diversas leituras motoras, como por exemplo, freio inibitório (capacidade de rápida parada de movimento quando cada situação exige), força, flexibilidade, destreza, agilidade, equilíbrio e antecipação perceptual (a criança se antecipa a um enunciado motor, sentindo, percebendo, analisando e decidindo qual a melhor alternativa deve tomar).

Caso o professor se detenha apenas à leitura motora, ele incorrerá no risco de tratar seus alunos apenas pelo viés biológico. Fazendo isso, esse professor se limitará apenas a tratar o tempo como cronológico e o espaço de sua aula como físico. Para a mudança dessa situação de forma a tratar seus alunos como agentes sociais e não apenas como um corpo biologizado, desprovido de historicidade e criticidade, o professor deve reconhecer a sua aula como um micro-universo onde se dá a reprodução da sociedade e das contradições nela presentes e vivenciadas pelas crianças em seu cotidiano, o macro-universo, onde através das situações emergentes nos jogos, realizando uma leitura social, deverá trazer à tona esses conflitos, criando um ambiente favorável para que as próprias crianças possam estabelecer nexos e relações entre esses dois universos, transformando o tempo cronológico de sua aula em tempo histórico e o espaço físico em espaço social. Esse professor deve estar atento para não transformar a leitura social e seu ato pedagógico em um sociodrama, da mesma forma em que deve garantir os conteúdos em sua aula de EF.

A partir da leitura social, as crianças poderão estabelecer esses nexos e relações com o macro-universo social, e o professor deve agir como mediador e problematizador para que elas possam agora realizar rupturas. A ruptura se dá, justamente, no momento em que o aprendizado realmente se efetiva e é possível estabelecer com ele relações concretas com a vida, comunidade,

a sociedade, o mundo, ou seja, o conhecimento trabalhado na aula de EF passa a integrar de forma concreta a vida do aluno em sua relação com os outros e com o mundo. É possível, portanto, trabalhar de forma interdisciplinar, realizando palestras, seminários temáticos, pesquisas e outras atividades, mobilizando a escola e a comunidade em prol da construção coletiva e socialização desse conhecimento.

## CONCLUSÃO

Viver a capoeira orientada e praticada na perspectiva de propagação do seu conteúdo histórico, no intuito de construir conhecimento a partir do movimento, é perceber através dessa vivência a sua riqueza cinética e musical, na medida em que relacionamos a sua prática à formação de virtudes da pessoa humana, representando desta forma um poderoso aliado na educação de nosso povo. Com isso, reconhecemos o seu enorme potencial como instrumento de educação, além de podermos aproveitar a nossa própria cultura e oportunizar às gerações do presente e do futuro um reencontro com um pouco de nossa história.

É preciso repensar o papel da Educação Física enquanto disciplina em busca de uma compreensão unitária de educação, sem dissociar axiologicamente o indivíduo. Sabemos que durante muito tempo a Educação Física foi colocada como disciplinadora da moral e criadora de corpos “saudáveis” e fortes. Historicamente o papel do profissional de Educação Física tem se reduzido a produzir suor e promover a contração muscular. Precisamos atuar entre o ser pensante e o ser transpirante, tornando a Educação Física uma disciplina que possa auxiliar na apreensão da realidade social. Para Bahia (2002, p.4), devemos estar

(...) mudando consideravelmente a maneira de pensar o ser humano, que não é mais visto como um monte de músculos que se desloca em um espaço físico como resultado de contrações musculares, reforçando uma visão biologizada de mundo. Hoje, temos a clareza que o ser humano deve ser visto como agente de transformação atuando em um espaço social construindo a sua autonomia e senso crítico à medida que sente, percebe, analisa e decide.)

Para isso é necessário que busquemos as respostas para questões inerentes à nossa realidade para que não reproduzamos indiscriminadamente as soluções encontradas em outras sociedades, pois estas poderão não ser as melhores à nossa realidade social e cultural, e para que isso ocorra é preciso a tomada da consciência por parte de cada um dos agentes sociais envolvidos, a partir de análise crítica sobre as questões da nossa realidade.

Hoje se entende que o papel fundamental da educação, e deste não deve se abster a Educação Física, é a formação de um indivíduo comprometido com questões de cidadania, tendo uma visão reflexiva de seus atos e da sociedade em que está inserido, com condições de avaliar sua posição econômica e social, buscando alternativas para que possa transformar sua própria perspectiva enquanto sujeito ativo e crítico da dinâmica social. E é na escola que deve se iniciar esse processo.

O professor de Educação Física deve ter consciência de alguns elementos que se fazem preponderantes na criança: o “faz-de-conta”, o lúdico, a brincadeira, o jogo. Deve proporcionar à criança uma aprendizagem significativa, onde ela possa corresponder aos objetivos pedagógicos propostos, sendo sujeito desse processo, entendendo que o lúdico enquanto inerente a esta etapa da formação humana é uma das maneiras que a criança encontra para se conectar e se comunicar com o mundo real, trazendo isso para o mundo da fantasia. É através do jogo e das brincadeiras que ocorrem as aproximações sucessivas que tornar-se-ão, mais tarde, conhecimento elaborado,

pelo desvelamento do mundo real e concreto. A abstração que a criança tem quando joga é um aspecto do jogo que ela utiliza para que possa sair do mundo regrado, onde ela, enquanto criança, não consegue entender e, portanto, cria um mundo seu, passível de maior entendimento e compreensão por ela mesma.

Além de utilizar-se do jogo para poder entender melhor o mundo que a cerca, a criança também o utiliza para poder realizar suas atividades com prazer. É o “prazer pelo fazer brincando” que a criança busca quando inventa situações abstratas para resolução de problemas propostos.

O professor de Educação Física deve se utilizar desse elemento fundamental na vida da criança para auxiliá-la no processo de ensino-aprendizagem de sua proposta pedagógica, mas é preciso que se tenha objetivos concretos e uma metodologia consistente. Mas é importante ter consciência de que é a criança quem descobre a forma de resolver os problemas, participando diretamente do processo de ensino-aprendizagem, e o professor deve se tornar um problematizador/facilitador nesse processo. O professor de Educação Física não deve negar à criança o movimento ou o movimentar-se.

O educador deve atuar dando motivação à criança. Isso é possível quando este professor tenha em mente quais os anseios e expectativas de cada aluno, trabalhando com o grupo esses anseios pessoais, fazendo-os visualizar que, muitas vezes, nossos anseios podem ser os mesmos de uma coletividade e, algumas vezes, podem não ser, e não é por causa desse fato que iremos abrir mão de obter novos conhecimentos e novas experiências. Este pode ser um grande desafio para os profissionais de Educação Física, mas que pode ser conquistado. Nesse sentido, o professor deve “a cada dia aprender a ensinar melhor”.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, Antônio Luís Ferreira. **Educação física: dos movimentos do corpo para o corpo em movimento.** Futuro Eventos, 2002. (Temas da educação 1)

\_\_\_\_\_. **A música e o jogo no jogo da aprendizagem.** Salvador: [s.l.], 2003

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos DECES – UNICAMP.** Campinas (SP), 1999.

BRUHNS, Heloisa Turini. **O corpo parceiro e o corpo adversário.** 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

CASTRO JR., Luís Vitor; SOBRINHO, José Sant’Anna. O ensino da capoeira: por uma prática nagô. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Campinas, v. 23, nº 2, p. 89-103, jan. 2002.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física.** Campinas-SP: Autores Associados, 2004. (Coleção educação física e esportes).

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **A escolarização da capoeira.** Brasília: ASEFE – Royal Court, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

NEWMAN Fred; HOLZMAN Lois. Lev Vygotsky: cientista revolucionário. In: ADELMAN. **Brincando na – com a ZDP**. 4. ed., São Paulo: Loyola, 2002 . cap. V.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola**. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1998. (Coleção estudos).

PEY, Maria Oly. **Reflexões sobre a prática docente**. São Paulo: Loyola, 1991.